Centro
de Referência
Paulo Freire

Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire

acervo.paulofreire.org

InstitutoPauloFreire

FPF_PTPF_13_045

PAULO FREIRE

Conheci Paulo Freire como professor da Escola de Serviço Social do Recife onde ousei eu também ensinar. Depois Paulo foi nomeado Secretário da Educação do Recife, sendo prefeito o Dr. Miguel Arraes.

Em um fim de tarde desta época, Paulo me procura na sede da Juventude Universitária Católica. Mostrava nas bolhas que estouraram nos seus braços a indignação que sofria, diante de uma prática, dos vereadores da Cidade, que ele nunca suspeitara existisse.

Havia ele organizado um concurso entre os melhores alunos da rede municipal de ensino para decidir quais deles teriam direito às 100 bolsas de estudo, criadas já fazia algum tempo, por lei municipal. Quando quis anunciar os nomes dos eleitos, a surpresa: foi informado de que estas bolsas seriam rateadas entre os vereadores. Revoltado e indignado, Paulo iria renunciar, mas, queria minha opinião. E esta foi dada: "vá ao Prefeito e exponha o seu problema; é provável que ele aponte uma saída mais sábia".

Paulo foi ao Prefeito que o aconselhou a preparar um novo texto de lei que aumentava, de 100 para 200, o número de bolsas. Ele ganharia as 100 que queria para os alunos de maior mérito e os vereadores ratearam entre si as outras 100 que destinariam aos apadrinhados, que uma briga com a Câmara não viria a propósito naquele momento.

Paulo não era de briga, mas, em quantas brigas se viu empurrado. Quando se engajou no Movimento de Cultura Popular e depois assumiu a Secretaria Executiva do Serviço de Extensão Universitária (SEC) que ele mesmo criou, as ocasiões não faltaram sobretudo porque foi aí que começou a se esboçar o que seria logo mais a **Campanha nacional de alfabetização de adultos** a partir das idéias por ele desenvolvidas e experimentadas, em pequena escala no Recife, e em maior medida em Angicos, no Rio Grande do Norte. E' quando a imprensa descobre Paulo Freire e batiza a experiência de "Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos em 40 Horas!"

Como a experiência só tinha sucesso porque partia da tomada de consciência que os alfabetizandos faziam da sua situação de oprimidos, em uma sociedade onde eles eram excluídos até do direito de votar, as classes dominantes logo perceberam o risco e os partidos, movimentos e lideranças de esquerda começaram a sonhar (se não a ameaçar!) com milhões de recém-alfabetizados, munidos de um título de eleitor, e virando legalmente a mesa, ou seja, votando à esquerda! Pode ?

Não pode!, foi o que me disse, afável e cortês, o Coronel Governador do Ceará, a quem fui candidamente explicar o que estava tentando fazer em Fortaleza: explicar "o método Paulo Freire" a um grupo de universitários que queriam iniciar uma campanha de alfabetização de adultos. "Não pode!" me disse o Governador. E me explicou: "aqui no Ceará nós tivemos muito trabalho para estabelecer um equilíbrio de forças que eu não permitirei ver posto em risco por quem quer que seja". A explicação era clara e sincera: se houver uma injeção de um número significativo de novos eleitores que irão votar - supõe-se, à esquerda - as regras preestabelecidas do jogo irão para o ar.

Foi preciso o golpe militar para que a classe dominante tirasse de cena os que ameaçavam as "regras preestabelecidas" e organizasse ela mesma as condições em

que a inclusão dos analfabetos pudesse ser feita não apenas sem risco, mas, sobretudo com vantagens. A manipulação das massas analfabetas não precisava mais do insuportável e oneroso cabresto. O controle dos meios de comunicação de massa - rádio e televisão - em vertiginosa expansão, garantiria a inclusão dos analfabetos com direito a voto, dentro da ordem estabelecida (1).

Entre muitos outros, Paulo foi tirado de cena. Lavaram-no não sei para onde. Contou-me que *quase morre do coração* em La Paz. Não agüentou a altitude. Desceu a Cordilheira e foi para Santiago do Chile, onde o encontraria, (a ele e Elza e a meninada), trabalhando em um programa de alfabetização de adultos, no Instituto de Reforma Agrária que presidia Jacques Chonchol. Saíra do topo da Cordilheira mas, dela não se livrara. Em cima faltara-lhe o ar; em baixo, quando menos esperava, sentiu que lhe faltava o chão sob os pés. "Meu amigo, acho que tudo pode me faltar na vida; daria um jeito. Mas o chão, isso não! Quero sair dessa terra".

A carta alcançou-me em Roma, onde trabalhava. O Presidente e o secretário executivo do Centro de Documentação da Igreja Postconciliar (IDOC) se comoveram com o apelo e decidimos ir a Genebra. Fomos ao Conselho Mundial das Igrejas e conseguimos que o Conselho enviasse uma carta convite ao Paulo: ele viria para as margens do lago Leman, onde não há terremotos; teria uma sala com secretária, a biblioteca da instituição, uma digna ajuda de custos e tempo para estudar, aprofundar as suas idéias... e aprender uma língua de maior comunicação, inglês ou francês, que o português ou o portunhol, que Paulo cultivou sempre com muita graça, não bastavam.

Visitei-o em Genebra. Ele e Elza hospedaram-me em sua casa. Dos muitos exilados que conheci, Paulo foi um dos que mais sentiam saudade "daquelas tardes fagueiras" da sua terra natal. E Elza cuidava, com carinho e finura, para que o ambiente do apartamento e o cardápio da mesa dessem a sensação de que a família continuava no Recife.

Reencontrei Paulo em Bissau, na ex-Guiné portuguesa. Ele e toda a equipe que integrava um Centro de estudos que criara em Genebra. Discutia-se com o governo um programa de alfabetização de adultos. Pouco tempo depois articulei com o governo angolano a ida dele a Luanda, onde trabalhava eu como chefe do escritório da UNICEF. Veio sozinho, mas, reclamou! E da próxima vez a UNICEF traria também a Elza, incumbida porém de fazer uma visita de trabalho à Ilha de São Tomé e Príncipe. A amizade e o carinho que uniam Paulo e Elza nos remetiam, a muitos que pudemos com eles conviver, a exemplos que a literatura imortalizou, mas, que não é preciso citar aqui.

Para os que lêem Paulo Freire, a imagem que emerge é a de um homem que acredita no homem e que consagra a sua inteligência e a sua vida à luta pela sua redenção.

Para os que conviveram com Paulo e participaram com ela desta luta, ficou a lembrança, não apenas de um genial educador, mas, sobretudo de um homem generoso. Melhor, em uma palavra: um homem bom.

(1) Situação análoga o Brasil tinha conhecido quando das discussões sobre o fim da escravidão. Como libertar os escravos, quando a forma de escravidão vigente não interessava mais às elites, sem medir os riscos de enormes distúrbios que as hordas de ex-escravos, sem donos, sem responsáveis e sem comida, haveriam de causar? Foi preciso inventar o caminho de uma "libertação" gradual e segura.

Agora, mais uma vez, as elites estão procurando o caminho de integrar os sem-terra, de maneira gradual e segura, distribuindo parcamente e lentamente, terra e alguns recursos, para não ter de permitir uma reforma agrária que signifique uma verdadeira mudança das relações sociais.

O Brasil não pode mudar!

Paulo Freire deve ter aprendido a não mais se encher de bolhas para viver e morrer sem perder a coragem, a esperança e a ternura.

Olinda, julho de 2000.
Almeri Bezerra de Mello
Serv.md.almeri.Paulo Freire2